

Peça licença e morra

Franklin Rumjanek

Instituto de Bioquímica Médica, Universidade Federal do Rio de Janeiro
franklin@bioqmed.ufrj.br



Os autores de textos clássicos revelam que quase sempre os personagens que buscam a imortalidade se arrependem. Seja qual for o enredo, é possível que exista aí o reflexo de uma grande sabedoria. Vale a pena viver mais? De todo modo, em breve nossos descendentes terão a oportunidade de vivenciar tal experiência. É fato inegável que a expectativa de vida humana está aumentando no mundo, principalmente em países desenvolvidos, nos quais a tecnologia ligada à prevenção e ao tratamento de doenças ficou disponível mais rapidamente para a sociedade. Em cerca de cinco décadas, a expectativa de vida passou de uma média de 60 anos para quase 80. Pessoas centenárias já não são uma raridade entre nós. E ainda não vemos nessa tendência uma indicação segura de que já estamos próximos do limite superior.

Além do progresso médico, estudos em andamento em diversos centros científicos identificaram quais fatores contribuem diretamente para a longevidade. Alguns já são mais ou menos conhecidos de todos e dependem da moderação de certos hábitos. Dizem respeito ao estilo de vida, o que inclui abstinência de tabaco, controle de peso e pressão arterial e exercício regular, todos contribuindo para uma vida que, além de mais longa, apresenta maior qualidade. A ciência, no entanto, tem revelado aos poucos outros fatores pró-longevidade menos óbvios. Um exemplo é a observação de que mulheres que têm menos filhos vivem mais, resultado obtido, por exemplo, de detalhados registros históricos da realeza britânica ao longo de muitas gerações.

Um aspecto interessante é que estudos comparativos mostraram que os achados com humanos são semelhantes aos encontrados com a mosca-das-frutas (*Drosophila melanogaster*), na qual já se quantificou que a baixa fertilidade está sempre associada a uma vida mais longa. Tal correlação pode ser compreendida à luz da evolução darwiniana. Como a reprodução representa um grande investimento energético, a evolução privilegia a multiplicação, de preferência, durante a plenitude dos organismos, quando o metabolismo funciona a todo vapor. A velhice não comove a natureza. Seres que param de se reproduzir, ou que jamais transferiram seus genes, aos olhos da evolução tornam-se cadáveres genéticos.

Outras revelações estão emergindo dos laboratórios. No verme *Caenorhabditis elegans*, a mutação em um gene que controla sua taxa metabólica simplesmente duplica seu tempo de vida. Estudos realizados com famílias italianas cujos integrantes se destacam pela longevidade também mostraram que genes ligados ao metabolismo de lipídios podem ser importantes para prolongar a vida. Portanto, o mítico elixir da longa vida pode já estar no horizonte. A comunidade científica não duvida que, no futuro, um ser humano possa viver até os 200 ou 300 anos.

O mítico elixir da longa vida pode já estar no horizonte. A comunidade científica não duvida que, no futuro, um ser humano possa viver até os 200 ou 300 anos

Curiosamente, porém, a sociedade que aplaude de pé esse tipo de pesquisa e já se imagina consumidora ávida dos produtos ‘milagrosos’ age de maneira antagônica a tal iniciativa. É sabido que, em todo o planeta, não existe hoje uma solução satisfatória para lidar com os idosos. Apesar das supostas boas intenções, a necessidade que os politicamente corretos têm de criar eufemismos para a velhice – como ‘terceira idade’ ou ‘melhor idade’ – ou a elaboração de um estatuto que reforça a noção de que os idosos continuam sendo cidadãos já denunciam a idéia de que os velhos representam um grande estorvo. Do ponto de vista econômico, então, nem se fala. Que sociedade terá recursos para amparar um grande número de cidadãos improdutivos ou pouco produtivos, mesmo sem levar em conta os gastos com prováveis problemas de saúde? É como se uma mão não quisesse saber o que a outra está fazendo.

Não sabemos ainda se, em um ambiente propício, o genótipo humano permitiria uma vida bem mais longa que a atual – já que todo genótipo contém, em algum grau, alternativas de desenvolvimento e de funcionamento ‘acionáveis’ em função das condições ambientais. Os biólogos, porém, não têm dúvida de que, para a evolução, a morte é tão importante quanto a vida. Provavelmente os velhinhos fofinhos de 200 anos não serão pessoas felizes. ■